

Entrevista com Janet Carsten

Igor José de Renó Machado

Professor Adjunto
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Doutor em Antropologia
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

E-mail: igorreno@gmail.com

Ana Claudia Marques

Professora
Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo – USP

Doutora em Antropologia
Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

E-mail: anaclaudiadm@gmail.com

Apresentação

No dia 08 de abril de 2014 a antropóloga britânica Janet Carsten, professora do Departamento de Antropologia da University of Edimburgh (Escócia, Reino Unido), concedeu esta entrevista aos professores Igor José de Renó Machado (UFSCar) e Ana Cláudia Marques (USP), realizada no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A professora Carsten estava no Brasil, mais precisamente em São Carlos, para o segundo Evento R@u, promovido pela R@u – Revista de Antropologia da UFSCar e pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar, que, no dia 09 daquele mês, constou de uma conferência da convidada pela manhã, e de uma mesa redonda na parte da tarde, em que Janet Carsten pode partilhar suas ideias com os dois docentes que conduziram esta entrevista, e que são também, ambos, especialistas em outros aspectos do campo de reflexões sobre o parentesco.

Janet Carsten vem, nos últimos anos, renovando o debate num dos campos mais tradicionais da antropologia, a saber, os estudos do parentesco. Focalizando os pescadores malaios entre os quais trabalha desde os anos de 1970, a autora se distancia do biológico e do social para pensar no modo como o parentesco é feito e desfeito ao longo do tempo, em suas gradações e nas diferentes substâncias e metáforas pelas quais esses processos ocorrem. Ao concluir esta entrevista afirmando o lugar central da empatia no trabalho antropológico, Janet Carsten reafirma a beleza da antropologia, ao descobrir, via pesquisa de campo em lugares longínquos, questões insuspeitas – mas absolutamente pertinentes – sobre os nossos próprios mundos e modos de viver.

Entrevista

R@U: Fale-nos sobre como começou seu interesse pela Antropologia. Quando você decidiu fazer doutorado em Antropologia?

Janet Carsten: Quando eu era apenas uma estudante de graduação na LSE (London School of Economics) eu não pensava sobre Antropologia. Eu queria fazer um amplo treinamento na graduação durante esse tempo e de fato eu mudei de tema duas vezes, algo que não seria possível nos dias de hoje. Nós não permitimos que estudantes mudem de tema duas vezes. Bem, então eu comecei com um diploma amplo em Ciências Sociais, o que se revelou algo bem tedioso. Depois eu fiquei desesperada para mudar o tema, então mudei para Economia em meu segundo ano na LSE. Eu não gostava realmente daquilo, mas dentro do programa de Economia você pode fazer um curso focado em planejamento econômico, algo como “Economia Comparada” com vários tópicos em planejamento soviético, o que era realmente interessante. Além disso, isso me possibilitava uma opção de curso fora do currículo regular, e minha escolha foi Antropologia. E eu me apaixonei pela Antropologia. Então, no fim do meu segundo ano, no verão, eu decidi que realmente queria mudar de novo, agora para a Antropologia. Então eu fui ao escritório de Maurice Bloch, e ele fez uma pequena palestra sobre Antropologia e me deu uma lista de leitura imensa. Praticamente todos os grandes clássicos; estavam lá *Os Nuer*, *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, havia o *Malay Fishermen*, o *Formas Elementares da Vida Religiosa*¹. Esta era para ser minha leitura de verão. Então, eu perguntei “e como você decidirá se eu poderei mudar de matéria?”, e ele disse “não, eu acho que tudo bem”. Eu disse “ah, parece que estou fazendo Antropologia, então está bom”. Bem, foi assim que me interessei por Antropologia.

R@U: Você nos diria por que escolheu fazer seu trabalho de campo na Malásia e ter Maurice Bloch como seu orientador? E algo sobre a importância dele em sua formação acadêmica?

Carsten: O sudeste asiático foi meio que a forma como eu virei orientanda do Maurice Bloch. Maurice Bloch orientava todos os estudantes de sudeste asiático porque Madagascar e sudeste asiático são parte do mundo Austronésio, embora eles sejam geograficamente bem afastados². Mas eles não tinham um especialista em sudeste asiático, e ele estava bem feliz em receber pessoas que queriam trabalhar no sudeste asiático, e por isso eu fiquei pensando “bem, sudeste asiático”. Antes de tudo era um lugar bem longe, e eu então pensei “eu nunca iria ao sudeste asiático, mas como sou financiada, completamente financiada, então...”. Assim que comecei a ler sobre o tema, aquilo me soou tão fascinante, e a situação da mulher no sudeste asiático é que elas, apesar do islamismo, são mulheres muito ativas; elas são muito visíveis nos espaços públicos, elas não são oprimidas. Isto é tão diferente do tipo de sistema do Oriente Médio e do sul da Ásia, e eu estava realmente intrigada por isso e também, como descobri depois, porque havia provavelmente algo a ver com o sistema de parentesco, que é muito diferente do parentesco do Oriente Médio; de modo geral não temos um parentesco patrilinear dentro do mundo Austronésio. Então muito gentilmente Maurice Bloch concordou em me orientar. Eu passei seis meses apenas fazendo leituras gerais, porque eu não me sentia muito bem

¹ Respectivamente: Evans-Pritchard (1978), Malinowski (1978), Firth (2006), Durkheim (2000).

² Maurice Bloch fez trabalhos de campo principalmente em Madagascar.

preparada, e então, já no sudeste da Ásia, constatei que era muito difícil conseguir permissão para pesquisa naquele tempo. Então eu requisitei a permissão – você tem que receber permissão do governo da Malásia, Indonésia ou Brunei, e eu fiz os pedidos de autorização para os três lugares. Era o caso daquele que viesse primeiro, que acabou sendo a Malásia, mas isto tudo era um longo processo de preparação, em termos do que acontece hoje na Grã-Bretanha. Eu não fui a campo até junho de 1980, foi um pouco lento, e então eu fiquei um tempo relativamente longo, terminando em abril de 1982.

R@U: E como foi em Langkawi?

Carsten: Foi bem difícil na verdade, se você ler a introdução do *The Heat of The Hearth*³, você pode perceber um pouco disso, na verdade eu tenho falado bastante sobre isso. Ao contrário do que acontece com muitos antropólogos, eu fui muito bem recebida. Malaios são muito, muito receptivos e afetuosos – muito abertos, na verdade, fáceis de conversar. Então ser aceita não foi um problema, o problema foi o oposto, e no começo do meu campo foi realmente um pouco traumático, por alguns meses, porque estas mulheres tão poderosas e dominadoras por quem eu tinha sido atraída... como eu disse já havia tomado conhecimento sobre esse tipo de mulher, elas são muito bem descritas na literatura, elas tinham me conquistado, e eu era relativamente jovem, eu estava com vinte e poucos anos. Eu não estava esperando isso, então elas me vestiram, mudaram minhas roupas, me deram um novo nome, elas ficavam muito felizes de me darem trabalho doméstico para fazer, assim como trabalho nos campos de arroz, e eu não podia balancear ou calibrar aquilo.

Os dados anteriores de trabalho de campo na Malásia que eu tinha lido, como o material de Rosemary Firth, que é basicamente um trabalho de campo feito num ambiente colonial, tendo pessoal para carregar suas coisas, bagagem... E a única coisa que eu sabia de um jeito meio ingênuo era que eu não queria fazer a pesquisa de campo naquele espírito colonial. Então as pessoas na aldeia estavam muito receptivas, mas elas eram extremamente mandonas, e elas me controlavam, e isso foi bem difícil porque eu estava bem isolada. Eu não podia sair da casa sem me perguntarem “por quê?”, “por que você está vestida assim?” e “por que você não se veste assim?” e “você tem que cobrir sua cabeça se você vai sair da casa” e “para qual casa mesmo você está indo?”. E tudo era muito, muito controlado, e achei aquilo realmente bem difícil, mas ao mesmo tempo as relações eram afetuosas, e eles eram muito amigáveis, e eu ainda mantenho contato com as pessoas lá.

O que aconteceu foi: eu ficava em campo por três ou quatro semanas, às vezes menos quando estava mais próximo ao final do trabalho, mas basicamente depois daquele tempo eu voltava para Penang onde eu tinha uma base. Eu não pensava sobre isso muito seriamente, o trabalho na aldeia estava indo bem, mas frequentemente eu sentia que eu estava circunscrita à casa. Eu estava fazendo progresso, mas eu também achava que eu não tinha nenhuma distância do que estava acontecendo comigo, ou o porquê, até Maurice Bloch ir me ver em campo.

Ele foi me visitar, e aquilo foi de muita, muita ajuda para mim. Eu estava na aldeia por mais de seis meses, e ele disse “mas você sabe, eu nunca vi um tipo de campo como esse, eu nunca vi ninguém tão imerso em seu próprio campo, mas você também precisa deixar eles saberem que você está aqui para pesquisar. Você não veio para se tornar uma dona de casa ou todas essas

³ Carsten (1997).

outras coisas”. Então ele tentou impressioná-los insistindo com eles que eu estava fazendo uma pesquisa importante, para tornar as coisas mais fáceis para mim, ele estava tentando tornar as coisas um pouco mais formais, eu imagino, o que me ajudava.

Eu estaria bem lá, mas esta foi uma experiência muito intensa de pesquisa de campo. E no livro eu falo sobre isso e sobre como levei alguns anos para chegar a ver isso, no que Maurice Bloch me ajudou imensamente. Mais tarde, como pós-doutoranda, eu voltei e fiz algum trabalho histórico sobre migrações. Eu tentei ver esse sistema de parentesco como um sistema incorporativo, que é todo sobre uma população em movimento, ou seja, tratava-se de incorporar os de fora. Então, de certa maneira, o que eles estavam fazendo comigo não era muito diferente do que eles faziam com as pessoas que estavam chegando.

R@U: Então você tinha um ponto específico ou objetivo? O objetivo da pesquisa foi determinado previamente à sua viagem a campo?

Carsten: Eu sempre tive interesse em gênero e na vida das mulheres, então era esse o ponto, e se você estivesse fazendo treinamento no fim dos anos 70 esse era exatamente o ponto, quando a primeira onda de estudos sobre a vida das mulheres estava realmente vindo à tona, era esse o foco. Eu não tinha realmente pensado sobre isso em termos de parentesco, porque eu achava realmente tedioso o parentesco que nós aprendíamos na LSE, e, embora aquilo fosse de certa maneira muito bem ensinado, era muito abstrato. Era bem formal, e eu nunca realmente entendi porque aquilo importava, mas é claro que assim que me estabeleci na aldeia com todas as habitações agrupadas, ligadas através de laços de germanidade na geração mais velha, bem, você não podia ir a nenhum lugar sem entender o que eram as relações de parentesco – era a primeira coisa que você tinha que entender, mas isto não tinha sido bem o meu plano, que era mais sobre a vida das mulheres em geral.

R@U: Todo seu investimento no parentesco produzido na esfera da casa veio de sua pesquisa de campo?

Carsten: Sim, veio. Eu estava dizendo à Ana Cláudia ontem que eu não sou uma pensadora abstrata, eu nunca requisitaria ser reconhecida como uma pensadora abstrata, seja lá o que isto seja. Minha atração pela Antropologia, assim como é para muitas pessoas, imagino, é etnográfica. A etnografia é o início da reflexão, e, assim, pensar sobre a maneira que o parentesco era feito entre os Malaios talvez reflita, assim como para muitas pessoas que se dedicam à teoria antropológica do parentesco em geral, mas também ao parentesco europeu, os tipos de parentesco com os quais tenho familiaridade no Reino Unido.

R@U: Temos a impressão que memória e substância parecem ser temas que predominam em todo seu trabalho. Gostaríamos que você falasse sobre como pesquisas específicas foram concebidas. Elas parecem uma cadeia de temas que vão se revelando entrelaçados.

Carsten: Eu acho que sim, mas menos, na verdade, menos na tese; eles vieram à tona depois disso, quando eu fiz o pós-doutorado em Cambridge, e então eu voltei para Langkawi para trabalhar especificamente na história da migração, porque eu percebi, quando olhava para minhas notas de campo, que existia uma quantidade imensa de migração, e ninguém tinha realmente falado sobre aquilo comigo na aldeia, então voltei para o campo por alguns meses e concentrei esforços naquilo. Esta foi uma parte. Assim, aquilo era memória, mas na realidade

o que emergia era o esquecimento – não as lembranças –, e o equivalente mais próximo era talvez o trabalho de Anne-Christine Taylor na Amazônia. Mas eu estava realmente interessada em por que as memórias da migração não pareciam ter uma grande atração, aquilo era diferente e se tornou, vocês têm razão, uma linha geral do meu trabalho, porque eu fiquei interessada em memória na Europa. E eu sou uma grande leitora de romances, eu adoro ler romances, então memória se tornou um tópico muito importante. Mas talvez isto também tenha vindo da história da minha família, como direi a seguir, mas eu acho que eu me tornei de certa forma mais interessada – assim como muitas pessoas que vão envelhecendo – em memória e memória de família, e existem romances maravilhosos sobre isso. Eu não sei se você conhece – talvez tenha sido traduzido em português – o trabalho de W. G. Sebald (2008)⁴, o romance *Austerlitz*, que é um romance absolutamente maravilhoso sobre memória na Europa e a história dos anos 1930 e 40, todo tipo de pós-história sobre aquilo, e que tem sido escrito de maneira menos interessante, eu acho, em certos casos, pelos cientistas sociais, e mais provocativa e emocionantemente por romancistas como Sebald. Na verdade, foi Olivia Harris quem... Olivia Harris foi uma maravilhosa antropóloga que estava apenas alguns anos à minha frente na LSE, então, quando eu voltei de meu trabalho de campo, ela estava conseguindo seu primeiro emprego, e ela era uma grande influência e um modelo para a maioria das mulheres da nossa idade. Ela era um pouco mais velha que eu. Era talvez sete anos mais velha, uma grande feminista, uma fabulosa etnógrafa e professora que fez seu trabalho nas terras altas da Bolívia. Então ela produziu um ensaio sobre dinheiro no livro do Bloch e Parry sobre dinheiro⁵, um sobre morte no livro de Bloch e Parry sobre morte⁶ e uma coleção de ensaios chamada *To Make the Earth Bear Fruit*⁷, que só veio à tona muito, muito depois, e ela morreu tragicamente cedo, aos 60 anos, alguns anos atrás, e ela faz muita falta. Bem, ela colocou nas minhas mãos *Austerlitz*, que é o trabalho do Sebald, e me disse “eu acho que você vai achar isso interessante”. Ela estava ficando em nossa casa alguns anos atrás, eu imagino que cerca de dez anos atrás, e ela estava certa, e então nós tivemos ótimas conversas... O romance é “Austerlitz” por conta da *gare d’Austerlitz* em Paris. Ele é um escritor bem elíptico, um pouco estranho e que insere – ele é um escritor de ficção – fotografias em seus romances, e não é certo para que servem as fotografias, então o livro fica entre documentário e romance, mas é tudo inventado, e Sebald era um imigrante no Reino Unido, onde ele viveu e morreu, num acidente de carro anos atrás, também muito jovem. Ele viveu no Reino Unido, mas nasceu na Alemanha, e lá no romance existe algo sobre as relações de sua família com os eventos da Segunda Guerra Mundial e o holocausto – particularmente seu avô. Ele deixou a Alemanha como um recém-nascido – em 1940 ou algo assim, eu imagino – e ele não teve, portanto, relação direta com os eventos. Ainda assim, todo seu trabalho é uma reescrita da experiência do pós-guerra.

⁴ O romance foi publicado pela Companhia das Letras em 2008.

⁵ Harris (1989).

⁶ Harris (1982).

⁷ Harris (2000).

R@U: Falando sobre memória, nos diga algo sobre seu trabalho sobre adotados e adoção.

Carsten: Bem, criação na verdade, porque uma das coisas sobre o sudeste asiático é que existe uma taxa muito alta de criação informal, então muitas, talvez um quarto das crianças na aldeia onde eu trabalhei, passam algum tempo em outra casa – frequentemente na casa de outros parentes, mas não na casa dos seus pais, então eu fiquei muito interessada por aquilo, e aquilo também se conecta com substância, o que eu não entendia exatamente. Então eu escrevi um capítulo no meu livro, *Heat of the Hearth*, e um artigo sobre a circulação de crianças e o que poderia ser isso, e porque era importante. E então, de novo, eu não tinha realmente pensado tanto em substância quanto eu deveria, mas eu percebi quando eu terminei a tese que aquela era a lacuna, assim, dos dois capítulos que não estavam na minha tese naquele livro, um é o capítulo da história da migração, e o outro é um capítulo sobre as ideias a respeito de leite e sangue e tudo o mais. Ideias para as quais eu me voltei e sobre as quais comecei a fazer questões que eu não havia perseguido sistematicamente – sobre a conversão de leite e sangue e de arroz e a circulação, e então eu fiquei realmente interessada por aquilo, mas também descobri que existiam paralelos com ideias gregas e árabes antigas, da medicina árabe que, claro, viajaram para o sudeste da Ásia com os comerciantes muçulmanos.

R@U: Mas você também fala sobre adoção no Reino Unido.

Carsten: É, sim, depois eu fiquei interessada nisso, um pouco devido a ter conseguido um trabalho em Manchester em 1989, e então meus pais estavam começando a envelhecer, e em 1994 eu tive uma filha. Ir a campo seria muito difícil, então eu comecei a procurar formas de fazer isso na Grã-Bretanha. Então temos na adoção na Grã-Bretanha o que parece um modelo oposto ao do sudeste asiático, pois as crianças não circulam daquele jeito na Grã-Bretanha, você pode apenas ter determinados conjuntos de parentes, e a parentalidade é construída como relações muito específicas. Bem, eu estava interessada na comparação, e o que realmente me interessou foi a coisa da natureza-criação, do biológico/social, parte através do material malaio e lendo Schneider, e eu pensei que talvez olhar para o que acontecia quando adultos que tinham sido adotados decidiam procurar por seus pais biológicos seria um bom teste da divisão natureza-criação no pensamento sobre parentesco na Grã-Bretanha. Isso se provou não ser muito bem o caso. Aquilo se voltou para memória e performance do parentesco, e o trabalho do parentesco. Isso porque as pessoas não falavam tanto sobre o que elas recebiam do seu ambiente e dos seus laços genéticos, não era assim que elas se expressavam. Elas estavam mais interessadas nas memórias do parentesco e no trabalho do parentesco. Assim, era a noção comparativa [Malásia/ Grã-Bretanha] que enquadrava essas questões.

R@U: Parece ter sido bem difícil escrever sobre isso, era bem emocional.

Janet: Ah, sim, claro. As entrevistas mesmo eram muito intensas, e eu pensei que talvez fosse melhor tentar entrevistar pessoas que tivessem feito essas buscas alguns anos antes, então, você sabe, elas não estariam passando por aquilo naquele momento, eu quero dizer, eu acho que é algo bem frustrante e difícil de se fazer. Alguns deles descobriram que sua mãe biológica poderia ter morrido, talvez apenas alguns meses antes, então eles estavam no caminho e de repente não era mais possível, existiam várias questões não resolvidas. Os relatos na mídia desses tipos de encontros tendem a ser bem romantizados e sentimentais, como um grande encontro, mas geralmente eu acho que não é assim, e é bem difícil, é como uma segunda

rejeição quando eles mal superaram a primeira, e então você tem outra rejeição, porque isso não funcionou. Mas o que acontece, e eu me arrependo um pouco de não o ter perseguido o tema, embora alguém ainda possa... o que é muito mais possível, eu acho, do que a relação com os pais biológicos são as relações com os irmãos biológicos, e existiam indicações naquela pesquisa que eu fiz de que, quando eles encontravam meios-irmãos ou às vezes irmãos de pai e mãe, aquelas relações poderiam ir mais além, mais facilmente que aquelas com os pais biológicos, mas eu não persegui aquilo sistematicamente. Isso pode ser outro grande projeto.

R@U: Seu trabalho apresenta grandes esforços para as substâncias enquanto importantes fontes de simbolismo, metáforas, de imaginários da produção de pessoas, nações e relacionamentos. O sangue tem um papel central em suas reflexões. Conte-nos um pouco sobre esse “investimento” no sangue.

Carsten: Um ponto sobre a antropologia do parentesco mais recente é que dois assuntos ganharam destaque para mim: há um monte de material sobre a doação de órgãos, o que é bastante interessante; e há um monte de material sobre as tecnologias reprodutivas, que é, em parte, sobre a troca e doação, ou o movimento dos gametas. E quando li algumas destas coisas pensei que é estranho uma substância subestimada ser realmente muito pouco estudada na antropologia: o sangue. Você sabe que há um pouco sobre ele na teoria de Schneider, mas ele realmente não desenvolveu tal análise. E quando você pensa nas ideias europeias e norte-americanas e, é claro, em outras partes do mundo, mas apenas pensando sobre o quão importante é o sangue como um conjunto de metáforas, como ideias sobre o corpo e assim por diante, há, estranhamente, pouco trabalho sistemático a respeito. Existem algumas coisas acerca da doação de sangue, o que é mais discutido na literatura da antropologia médica, porém, você sabe, remontam a uma literatura muito mais anterior derivada de Mary Douglas, Lévi-Strauss, Victor Turner, todas essas coisas. Mas ninguém realmente levou a discussão a cabo, eu acho, e gosto bastante da ideia de pensar sobre isso. Quando você discute um transplante de coração, é um negócio relevante, certamente, mas o que envolve a doação de sangue é muito minimizado, e isso a torna bastante interessante. E sobre o sangue, quando você começa a observar, ele está absolutamente em todos os lugares. Foi isso o que me interessou, além de também estar intrigada porque era um tema tão central nas ideias malaias sobre o parentesco, em parte porque parecia tão familiar para mim. Acho que foi por isso que não persegui a ideia em minha pesquisa de doutorado e tive que voltar a ela posteriormente. Me pareceu óbvio o sangue, então fiz uma análise sobre ele.

R@U: E as comparações que você está fazendo com os bancos e bancos de sangue e todo o dinheiro – comecei a pensar sobre o leite materno e a capacidade regenerativa do leite.

Carsten: O leite é outra substância, e há muito sobre leite materno no *The Heat of the Hearth*. Porque as mulheres nas aldeias malaias estavam muito preocupadas com a ideia da possibilidade incestuosa, pois no Islã as crianças que foram alimentadas com leite da mesma mãe – irmãos de leite – não podem casar. Elas estavam sempre falando sobre isso, e nunca entendi o porquê, pois não era como se estivessem casualmente circulando bebês por aí, mas, é claro, eles estavam circulando crianças e, de qualquer forma, era uma preocupação deles, de modo que incorporei a discussão no referido capítulo.

R@U: Em 1995 você editou, junto de Hugh-Jones, um livro sobre o conceito de Casa de Lévi-Strauss. De alguma forma, a leitura do conceito no livro tendeu a retirar a ênfase no formalismo de Lévi-Strauss e destacou a importância de se pensar a Casa como espaço de produção de parentesco. Podemos dizer que o conceito de relacionalidade se vincula a uma leitura do conceito de Casa? Recentemente, em uma análise⁸, você começa o texto com uma homenagem a Lévi-Strauss. Em um contexto de influência das teorias de descendência de parentesco (e sua conotação biologizante), como foi o trabalho da leitura de Lévi-Strauss, com seu foco em afinidade? Conte-nos um pouco sobre a sua relação com o trabalho do autor. Pensando sobre parentesco e o parentesco dentro da casa, assim como num conceito formal de estrutura social e, em seguida, no desenvolvimento do conceito de relacionalidade, podemos ver uma relação entre essas obras?

Carsten: Sim, há certamente uma relação. Quando estava transformando a ideia em livro, procurava por alguns aportes teóricos para sustentá-lo, talvez até mesmo para constituir parte da tese. Foi Maurice Bloch que na verdade apontou as coisas de Lévi-Strauss em minha direção e disse: “você deveria olhar isso”. E uma delas, o primeiro artigo publicado que eu tinha, é um livro editado pelo antropólogo francês Charles Macdonald chamado *De La Hutte Au Palais*⁹. Essa era uma coleção em francês das sociedades de Casa no sudeste asiático. Eu estava pensando sobre a importância das casas, que é muito presente no *The Heat of the Hearth*, acerca do que a casa como uma instituição pode ser e a importância das famílias, assim como a estrutura da casa. O material de Lévi-Strauss foi muito útil para que pudesse começar a pensar no assunto, assim como é também útil para pensarmos no sudeste asiático, pois une as sociedades indonésias orientais, que são bastante diferentes daquelas chamadas de “sociedades centristas” do sudeste asiático – aquelas com parentesco cognático, em oposição aos unilineares com sistemas mais elaborados de troca. Em seguida, trabalhar com Stephen Hugh-Jones foi o que trouxe o material amazônico para essa abordagem, e o livro foi concebido originalmente a partir de uma conferência que organizamos, num modo mais comparativo¹⁰. Tínhamos um *paper* sobre o Tibete e um *paper* sobre a Polônia, mas quando olhamos para eles o conteúdo estava tão desbalanceado que, por conta disso, focamos apenas na América do Sul e no sudeste da Ásia. Esse foi realmente um trabalho bastante divertido, e alguns dos *papers* são muito bons. Mas vocês estão certos em relação ao nosso afastamento da ideia formalista de Lévi-Strauss sobre as sociedades da casa, e nós retiramos apenas o que nos interessava no momento, que era – e em parte pensando sobre casas e hierarquia no sudeste asiático e América do Sul, Amazônia, que era bastante importante – em como a casa pode codificar a hierarquia como parte dela, mas também em casas e gênero. Pois bem, então como isso está relacionado ao conceito de relacionalidade? Isso foi, como vocês disseram anteriormente, a ideia de parentesco sendo produzido nas casas, e o tipo de análise formal de parentesco que aprendi realmente não se encaixava muito bem no caso malaio, portanto, decidi partir do princípio e perguntar o que é parentesco para o povo malaio. E se é produzido em casas, como isso é feito? Bem, é parcialmente através da comida, através das relações entre irmãos e através de todas as coisas que o tornam importante. Então, quando trouxe isso para a segunda coletânea, *Cultures of*

⁸ Carsten (2011).

⁹ Macdonald (1987).

¹⁰ Carsten & Hugh-Jones (1995).

*Relatedness*¹¹, foi, na realidade, uma tentativa de pensar para além do divisor social/biológico, ou para pensar o que esse divisor tinha feito para as análises de parentesco, e em como ir além dele ou como evitá-lo. Esses foram os pontos que unificaram aqueles ensaios de diferentes formas, penso eu.

R@U: Em 1995 você introduziu o conceito de relacionalidade em um artigo sobre o seu trabalho de campo na Malásia. Em 2000 você editou um livro sobre as culturas de relacionalidade. Em 2004, com *After Kinship*, você destacou o impacto deste conceito. Em um artigo de 2013, no entanto, a palavra aparece apenas uma vez, de maneira bastante periférica, enquanto outros conceitos ganham destaque, como “idioma da sociabilidade”. Que análise você faz agora, quase 20 anos depois, da trajetória do conceito de relacionalidade? Como você vê a sua apropriação pela academia? Ele ficou menos importante em suas reflexões recentes^{12?}

Carsten: Sim, acho que fiquei um pouco chateada pela crítica, que era talvez estúpida, mas o problema óbvio com a relacionalidade, que Ladislav Holy¹³ apontou, como tantas outras pessoas, é que não há maneira de definir o que não é parentesco se você usa algo tão inclusivo como relacionalidade. Eu acredito realmente que esses conceitos são apenas úteis pelo que eles podem te ajudar a fazer, então nunca tive um vínculo passional com a ideia de relacionalidade. Nunca me importei muito. Foi uma maneira de fazer um conjunto particular de movimentos na antropologia do parentesco, e isso me ajudou. Mas, você sabe, você não pode, obviamente – e não era o que estava tentando –, jogar fora toda a história da antropologia de mais de 150 anos de discussão sobre parentesco. Não pensava dessa maneira. Assim, o que aconteceu depois é que eu tendia a usar ambos os termos, parentesco e relacionalidade, sem me preocupar muito sobre isso. Mas relacionalidade foi útil, penso eu, e continuava sendo útil quando queria evitar essa dicotomia e tudo o que vinha agregado a ela. Mas, é claro, é verdade que então se torna difícil distinguir os limites. Mas vemos, atualmente, que o último livro de Sahlins¹⁴, que discutirei amanhã, tem como ponto inicial a ideia de “mutualidade do ser”, que tem exatamente esse mesmo problema.

R@U: Não há limites.

Carsten: Não há limites, exatamente, então é o mesmo problema, e fiquei ligeiramente incomodada em descobrir que outras pessoas fizeram algo similar...

R@U: Talvez o ponto não seja o escopo da relacionalidade.

Carsten: Bem, depende do que você está tentando fazer...

R@U: Do ponto de vista de uma abordagem processual, a relacionalidade continua algo bem útil.

Carsten: Bem, eu acho que tem seus usos, mas não há sentido em dizer que esse é o único objetivo do meu trabalho. Eu não o vi dessa forma. Então, se é útil para as pessoas, ótimo, e

¹¹ Carsten (2000).

¹² Carsten (2000, 2004, 2013).

¹³ Holy (1996).

¹⁴ Sahlins (2013).

às vezes tenho ficado um pouco chocada com como as pessoas têm me associado com esse termo dessa maneira. Para o povo malaio, procriação também é importante. Não é como se eles fossem o extremo de pessoas que não enxergam ou não entendem que o pai e a mãe fazem um bebê juntos. Eles entendem isso e falam sobre isso, então a questão sobre alimentar a casa é complementar. Isso é o que é parentesco, e as pessoas com quem conversei tendiam a dizer “ah, bem, a coisa do sexo apenas inicia o nascimento do bebê”; a questão importante é o cuidar no ventre, a alimentação e aquilo que as mulheres fazem. Mas eu estava conversando mais com mulheres, então há um viés de gênero ali. Mas, às vezes, comentários menos cuidadosos assumiam que eu pensava que procriação não é importante, coisa sobre a qual eu tentei ser bastante cuidadosa, particularmente no contexto das pessoas que estudei.

Uma das coisas que eu acho ser realmente importante sobre parentesco, que acho que já disse, mas de qualquer forma eu disse em algum lugar, é que parentesco é, para a maioria das pessoas – contemporâneas, modernas, “tradicionalistas”, rurais, urbanas –, parentesco é realmente onde se produz boa parte do seu material imaginativo. Enfim, é também onde elas vivem suas vidas, mas é onde elas pensam sobre o futuro, o passado, onde elas especulam sobre o que poderia ser se tudo fosse maravilhoso, mas também o que é terrível em suas vidas. Porque as famílias na maioria dos lugares também são fonte de dor, dificuldade e sofrimento. Então eu acho que é o trabalho imaginativo a partir do qual algumas pessoas escrevem romances, pintam quadros e compõem sinfonias. Mas, de forma ordinária, todos os dias as pessoas utilizam muito do seu trabalho imaginativo através do parentesco ou relacionalidade. Em outras palavras, eles pensam sobre os relacionamentos que têm. E isso é realmente uma parte importante disso tudo.

R@U: Nesse sentido, a questão dos limites do parentesco é uma falsa questão.

Carsten: Sim, bem, para mim não é a questão mais interessante. Mas para algumas pessoas, que pensam em termos mais formais, é muito importante entender o que é e o que não é parentesco, e isso é parte de um tipo diferente de projeto, que não é aquele que necessariamente me interessa muito, mas eu posso ver porque às vezes você pode querer fazer esse tipo de trabalho.

R@U: Mas você acha que o conceito de relacionalidade é apenas um fardo agora?

Carsten: Bom, não encaro como um fardo terrível, na verdade, acho que está tudo bem. Acho que esses conceitos estão por aí para serem usados, e se as pessoas os consideram úteis, ótimo. E se não, também está tudo bem – eles podem usar outros. Está bem, de qualquer forma. Foi uma maneira de tentar colocar um conjunto de problemas no horizonte e observar como nós encontraríamos um caminho através desses tipos de problemas, era isso. E também porque estou interessada não apenas nas relações familiares, mas no que as pessoas fazem com suas amizades. Em muitas sociedades ocidentais e “modernas”, pessoas pensam em seus amigos de maneiras análogas ao modo como pessoas que conheci na Malásia refletiam sobre seus parentes. Por exemplo, no vilarejo onde pesquisei, minha mãe adotiva tinha o que eu chamo de amiga numa casa vizinha, de quem ela era bastante próxima, a quem via todo dia, e elas se davam extremamente bem e tinham grandes momentos de diversão. Aquela mulher era parente, mas era apenas uma em um universo de parentes, mas não era a maneira pela qual elas eram parentes que era importante. Era, na verdade, sua conexão emocional – conexões práticas e emocionais –, então pessoas em todos os lugares selecionam em outras pessoas, que

podem ser parentes, ou podem ser amigas em nossos termos, para uma significância especial. Mas o fato de serem parentes ou não pode não ser a parte mais importante disso.

R@U: Nós falamos bastante sobre memória, mas você também recorre às suas próprias lembranças familiares.

Carsten: Eu falei um pouco sobre isso em *After Kinship*, num capítulo sobre casa e memória. E um pouco na introdução de *Ghosts of Memory*¹⁵, que foi uma coletânea específica sobre memória e parentesco, que penso não ter sido muito bem trabalhada. Não tenho certeza se a coletânea o faz, de fato. Ela é, acredito, um bom fracasso. Não tenho certeza que faz seu trabalho adequadamente. E, na verdade, lá uso romances, na introdução, mais do que antropologia, de modo não tão bem-sucedido, mas foi também uma maneira de trazer parentesco e política juntos novamente. Porque eu pensei que memória era uma maneira de pensar sobre a política do parentesco de uma nova forma. E, mais uma vez, é algo que falarei amanhã. Por trás de tudo isso, na verdade, há, como vocês corretamente sugeriram, minha própria experiência familiar. Ambos os meus pais se refugiaram na Inglaterra, e, penso eu, para as crianças daquela geração, se levava um tempo muito longo para digerir a experiência de seus pais de uma maneira diferente de como seus pais a digeriram. E para torná-la sua, e eu sei que meus irmãos ainda estão fazendo isso, de formas bem interessantes. Talvez eu lhes conte tomando um drinque, pois não é algo que necessariamente precisa estar em uma entrevista, mas é muito, muito interessante. Meus pais tinham grande influência em mim e eram ambos historiadores. Meu pai era um historiador bastante notável da Europa Central e Alemanha. E a casa em que cresci, em Londres, era repleta de visitas de intelectuais de todos os tipos. Alguns eram extremamente bem conhecidos, mas para nós eram apenas piadas de família. Crescemos entre essas grandes personalidades, e pude descobrir apenas bem mais tarde que eles eram pessoas importantes. Eles eram apenas as pessoas que vinham nos visitar. Mas era uma daquelas casas que tinham uma vida intelectual bastante forte, e a maneira que meu pai e minha mãe lidavam com suas próprias experiências migratórias eram, na verdade, bastante diferentes uma da outra, embora fossem muito próximos. Meu pai era um grande racionalista e historiador e descobriu como várias coisas tinham acontecido na Alemanha, Áustria e Europa Oriental. Minha mãe tinha, penso eu, uma relação mais emocional com tudo aquilo. E, mesmo assim, quando fui para a Malásia, não tinha ideia, realmente, como tudo aquilo tinha ficado no fundo da minha mente. Mas então, quando terminei de escrever *Heat of the Hearth* e coloquei os agradecimentos, percebi que era um livro sobre migração e parentesco. Descobri muito cedo que tinha deixado uma mãe muito dominadora em Londres por outra num vilarejo malaio, naquela maneira estranha com que antropólogos relembram suas famílias em diferentes lugares. Estava presa por paralelos como aquele, e o trabalho sobre memória, parentesco e sangue europeu certamente estava no fundo de minha mente, às vezes vindo à tona. E apresentei um pouco da história da minha família no texto, e não sei se é uma coisa terrível ou boa para fazer, mas não é muito comum entre os antropólogos que eles de repente introduzam um pouco da sua própria família em algo que eles estão escrevendo. Mas eu gostei de fazer isso e suponho que tenha sido um ensaio para escrever as memórias dos meus pais, que um dia eu talvez escreva, o que seria muito interessante.

¹⁵ Carsten (2007).

Acredito que essa é a beleza da antropologia, pois você vê como realmente funciona em ambas as direções. Que você pode ir para um lugar bem distante para descobrir coisas que você só poderia parcialmente reconhecer sobre sua própria família e parentesco ao norte de Londres ou no Brasil ou em qualquer outro lugar. E você sabe que sempre há aquele diálogo indo e vindo, mas, é claro, funciona e, para mim, faço naquela direção. É claro que, quando leio outros trabalhos, fico presa às comparações indo em vários caminhos diferentes. Mas me refiro ao centro da antropologia que me parece ser a empatia. Empatia humana e, quando isso funciona nas etnografias, temos algo importante.

Tradução de Victor Hugo Kebbe e Bruna Potechi
Revisão de Igor José de Renó Machado

Referências

- CARSTEN, Janet. 1997. *The heat of the hearth: the process of kinship in a Malay fishing community*. Oxford: Clarendon Press.
- _____. 2000. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2004. *After kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2007. "Introduction: ghosts of memory". In: _____. (ed.), *Ghosts of memory: essays on remembrance and relatedness*. Oxford: Blackwell. pp. 1-35.
- _____. 2011. "Substance and relationality: blood in contexts". *Annual Review of Anthropology*, 40:19-35.
- _____. 2013. "Introduction: blood will out". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 19(S1): S1-S23.
- CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Stephen. 1995. *About the house: Lévi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DURKHEIM, Émile. 2000. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. 1978. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva.
- FIRTH, Rosemary. 2006. *Malay fishermen*. Londres: Routledge.
- HARRIS, Olivia. 1982. "The dead and the devils among the Bolivian Laymi". In: M. Bloch & J. Parry (eds.), *Death and the regeneration of life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1989. "The earth and the state: the sources and meanings of money in Northern Potosi, Bolivia". In: J. Parry & M. Bloch (eds.), *Money and the morality of exchange*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 232-268.

_____. 2000. *To make the earth bear fruit: essays on fertility, work and gender in highland Bolivia*. London: Institute of Latin American Studies.

HOLY, Ladislav. 1996. *Anthropological perspectives on kinship*. Alberta: University of Alberta.

MACDONALD, Charles. 1987. *De la hutte au palais: sociétés "à maison" en Asie du Sud-Est insulaire*. Paris: Editions du Centre national de la recherche scientifique.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.

SAHLINS, Marshall. 2013. *What Kinship is-and is Not*. Chicago: University of Chicago Press.

SEBALD, Winfried Georg Maximilian. 2008. *Austerlitz*. São Paulo: Companhia das Letras.